

Título: Teoria dos Objetos Quotidianos

Resumo:

Há um conjunto de problemas precisos que se tornou uma espécie de *vade mecum* do debate hodierno em redor da *Arte Contemporânea*: o problema do “estatuto do artista”; o problema do “sentido” da arte contemporânea; o problema das “instâncias de legitimação da arte contemporânea”; o problema dos “novos públicos”. Num primeiro momento desta comunicação argumentarei que o modo apressado como, por vezes, se enfrenta tais problemas tende a esquecer um conjunto de questões subjacentes que, sendo mais restritas, não são de todo menos interessantes. São disso exemplo a questão da importância artística do *processo* (do estar a caminho, portanto) em detrimento do resultado acabado; da investigação e valorização do *acaso*, do *vulnerável*, do *perecível*, do *frágil* e do *transitório* em detrimento do fixo, do definitivo e do imóvel; da afirmação do biográfico e da história de vida retomada artisticamente; da atenção (que pretende ser forma de significar) ao acaso, ao acidente, ao falhanço, ao supérfluo, ao feio, ao kitsch como forma de enfrentar ideais de domínio técnico (e das técnicas), de acabamento e de controlo; do trabalho artístico (que é uma forma de interrogação) sobre velhos materiais e objetos conhecidos do quotidiano, reconfigurados em novas possibilidades de manuseamento que deles revelam facetas escondidas. O núcleo principal da presente comunicação pretenderá analisar, em particular, esta última circunstância e respetivas possibilidades filosóficas.

Procurarei, neste sentido, mostrar que no horizonte da arte contemporânea encontramos alguns projetos relevantes que *dão que pensar* uma nova *teoria dos objetos*. Ilustrarei esta possibilidade, nomeadamente, com o trabalho de Arman (ou Armand) e tendo em vista uma abordagem fenomenológica dos objetos quotidianos entendida como um novo sentido do “regresso às coisas mesmas” (B. Bégout). De acordo com esta abordagem, os objetos são o que “termina o sistema do corpo” (Merleau-Ponty) e completa o sistema da “espacialidade vivida” (Casey). Assim, uma “nova teoria dos objetos” deverá incluir os capítulos de uma renovada teoria do corpo e de uma renovada teoria do espaço. Aqui trataremos apenas de formular esta possibilidade de investigação, com o objetivo de sustentar a seguinte tese: o desvio do sentido de um objeto (e aqui se recordará, como é óbvio, Duchamp) permite vislumbrar, entre outros aspetos, o seu *inconsciente de corporalização* de outro modo inacessível por força do poder de repressão dos usos habituais ou “oficiais”.

Palavras-chave: Objeto; Quotidiano; Corpo; Espaço; Fantasma; Incorporação

Bibliografia (indico apenas os textos que serão expressamente citados ao longo da comunicação):

AAVV, *A Companion to Contemporary Art since 1945*, 2. Vol. (Oxford: Blackwell, 2006).

B. Bégout, *La découverte du quotidien* (Paris : Allia, 2005).

E. Casey, *Remembering. A Phenomenological Study* (Indiana University Press, 2000)

E. Casey, *Earth-Mapping. Artists Reshaping landscape* (Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2005).

J. Malpas, *Place and Experience. A Philosophical Topology* (Cambridge: Cambridge University Press, 1999).

A. Masschelein, *The Unconcept. The Freudian Uncanny in Late-twentieth-century theory* (New York: Sunny Press, 2011).

M. Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception* (Paris : Gallimard, 1945).